

## **Grupo Superfície:**

### **Uma experiência em arte compartilhada e sua produção de sentido**

LAUTENSCHLAGER, Carla Viviane Thiel<sup>1</sup>; HERNANDEZ, Adriane<sup>2</sup>.

1. Pós-Graduanda em Artes Visuais, Ensino e Percursos Poéticos, Centro de Artes/UFPel.
2. Prof<sup>a</sup>. D<sup>a</sup>. Adjunta, Centro de Artes/UFPel.

A pesquisa que desenvolvo tem como objeto de investigação a atuação de um grupo de artistas, o “Grupo Superfície”, cuja produção caracteriza-se por pinturas realizadas coletivamente, onde o processo se define por interferências simultâneas em um único suporte, tendo como base ações individuais que se tornam compartilhadas objetivando um “eu coletivo”, estabelecendo relações abertas, enfatizando uma utopia social.

Palavras-chave: Arte Contemporânea, Pintura coletiva, Ações Compartilhadas.

O texto que segue tem bases em uma investigação sobre os modos de atuação e a produção de um grupo de artistas residentes em Pelotas, o Grupo Superfície. A formação do grupo é bastante recente, data de 2010, mas a produção de trabalhos e o número de exposições realizadas no curto período, já dão indícios de que o coletivo está se afirmando como um dos mais atuantes na cidade de Pelotas. Salienta-se ainda, o fato de que a pesquisadora é uma das componentes do grupo, sendo uma das características que faz dessa investigação o que se poderia chamar de uma “poética coletiva”, quase um paradoxo, devido a uma proximidade grande com o objeto de estudo, mas que preserva os limites do que é possível saber quando se trata do terreno do outro.

O coletivo se formou a partir dos encontros semanais no atelier de pintura da Universidade Federal de Pelotas, onde desenvolvia-se trabalhos individuais e discussões a partir de textos do campo das artes e da filosofia. Essas condições se revelaram propícias para a integração com a mostra de trabalhos individuais em exposições coletivas. A sintonia foi tanta que o grupo passou a produzir trabalhos coletivos, onde cada uma interfere com sua ação no suporte bidimensional, integrando-a ao todo já realizado.

O “Grupo Superfície”<sup>1</sup> é composto por sete artistas, desenvolvendo atividades regulares, pesquisando e produzindo pinturas contemporâneas.

Ao observar o fenômeno da ação coletiva no momento do seu acontecimento e a própria ação da investigadora, analisa-se as características filosóficas do “desvio pelo outro”, noção desenvolvida por Jean Lancri, para identificar a permeabilidade do pesquisador e do artista com relação a opinião dos outros envolvidos no processo. No período de desenvolvimento da pesquisa pretende-se observar também a produção individual dos integrantes do grupo, inclusive da pesquisadora. A busca é pela e compreensão do ato



Grupo Superfície. Interferências, 2010. Acrílica sobre tela, 220 x 310 cm.

criativo e o comportamento diante de intervenções inesperadas, principalmente na produção de pinturas onde algumas artistas trabalham ao mesmo tempo no mesmo suporte. Ao fim de cada etapa, onde se percebe o trabalho acabado, questões em torno da visualidade gerada a partir das ações de interferir,

---

<sup>1</sup> Integrantes do Grupo Superfície: Adelina Lintzmaier, Carla Borin, Carla Thiel, Daniela Meine, Mariza Fernanda, Natália Hax e Paloma De Leon.

resgatar, apagar, sobrepor, cortar, riscar e manchar. Ações que vão formando as pinturas até que se chegue ao consenso de que estão finalizadas, como podemos perceber no primeiro trabalho coletivo “Interferências”.

O Grupo Superfície não se formou por acaso, mas essa integração está repleta de encadeamentos casuais, de elementos poéticos que estão relacionados ao fazer de cada artista do grupo e que se entrelaçaram, tornando gerais os desejos particulares, resultando em gestos concretos sobre uma superfície.

A superfície pictórica bem poderia representar esta camada de sentido que une, como um campo que se desenvolve e que percorre com o corpo, sendo uma força que vai além das fronteiras individuais, além desses territórios ligados ao que cada um pensa ou sente.



Grupo Superfície. S/título, 2011. Acrílica sobre tela, 100 x 100.

No processo de criação do grupo estão aquelas buscas comuns ao campo da arte que se quer crítica, como a tentativa se livrar de ideias já

cristalizadas, das justificativas comuns e de um significado que não se entrega facilmente, mas se mantém aberto aos diferentes olhares lançados. Isso que é próprio da poética, que não se estabiliza nem mesmo ao próprio artista.

No grupo à superfície emerge com pinturas de ações, provindas de somas, de escolhas renovadas, que incorporam imprevisibilidades, onde o sentimento de coletividade aflora sensações novas a todo instante. Isso tudo em uma atmosfera de descoberta, que cobre e recobre, sobrepõe e justapõe; ora revela e ora apaga o gesto, em um ritmo de interferências que eleva a intensidade e a singularidade de seu timbre, estimulando e relançando questões.



Grupo Superfície. S/título, 2011. Acrílica sobre tela, 100 x 100 cm.

Para compreender a produção de arte de um modo geral busca-se na origem a explicação para esta produção, mas segundo o teórico, historiador e filósofo Geoges Didi-Huberman compreende-se que:

(...) origem não é nem uma idéia da razão abstrata, nem uma “fonte” da razão arquetipal. Nem idéia nem “fonte” – mas “um turbilhão no rio”. Longe da fonte, bem mais próxima de nós que imaginamos, na imanência do próprio devir – e por isso ela é dita pertencer à história, e não mais a metafísica – , a origem surge diante de nós como um sintoma. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.171)

Este autor interpretando o teórico Walter Benjamim, entende que a origem surge por uma espécie de formação crítica possuindo aspecto de choque e formação, onde seu poder de morfogênese e de novidade sempre inacabada, sempre aberta, “em vias de nascer”, vê uma verdadeira dialética em obra. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 171)

No processo individual de cada pessoa a origem para criar ou desenvolver alguma coisa, seja arte ou não, pode estar ligada a sua infância, as suas lembranças, às suas experiências profissionais ao seu cotidiano ou ainda em fantasias ou desejos até mesmo inexplicáveis e tudo isso com muitos acontecimentos casuais. E o que percebo quando o filósofo Geoges Didi-Huberman fala da *origem* é que ela não necessariamente esta clara em nossa mente pelo fato desse duplo movimento que o autor metaforiza pelo *turbilhão no rio*. Sendo assim fica ainda mais complexo em se tratando de uma produção coletiva, tentar apreender o inapreensível.

Partindo desses conceitos entendo que o processo de criação em arte deve ser percebido com acúmulos de sentido, pois o trabalho coletivo, onde se compartilham além do fazer artístico, também um espaço comum e um tempo, um momento contemporâneo de pessoas com vivências diferentes e poéticas distintas o *Viver-Junto idiorritmico*<sup>2</sup> passa a ser parte da obra. Nesse sentido a análise que proponho não é superficial, mas tem como base o momento presente, assim como descreve o teórico Michel Maffesoli:

“...mesmo sendo apenas um ponto de passagem evanescente entre o passado e o futuro, só o presente é a fonte fecunda do pensamento. Com efeito, só ele nos fornece os elementos, os fatos de experiência que nos permitem compreender, para além de todos os “a priori”, o que está em estado nascente” (MAFFESOLI, p. )

Portanto a teoria que começa a ser gerada a partir dessa convivência em grupo, que forma um “eu coletivo”, será enfocada por um ponto de vista particular, mas seguindo a um consenso de alteridade em relação a esse novo “eu”, porque estando dentro do grupo me sinto um fragmento indissociável

---

<sup>2</sup> Viver-Junto idiorritmico: termo utilizado pelo teórico Roland Barthes no Livro “como viver junto” para definir grupos onde cada um tem seu ritmo próprio.

desse conviver. Quanto à produção prática, o objeto resultante, aparece como um tradutor desta multiplicidade que provem do coletivo, que permanece indefinido no jogo dialético da forma aberta de sentidos, fornecendo múltiplos sentidos, assim como bem define a artista Patrícia Franca:

Certas experimentações permitem o reconhecimento das potencialidades de uma experiência aberta a um grau desconhecido para obter mais consciência na aproximação da matéria e desse devir no objeto plástico. Uma articulação viva e prática opera-se no interior do trabalho de atelier. ([WWW.eba.ufmg.br/patriciafranca/textos/otempodeumrepouso.html](http://WWW.eba.ufmg.br/patriciafranca/textos/otempodeumrepouso.html))

Analisando este relato percebe-se que a teoria deve partir desse processo prático e basear-se na percepção e discussão de cada elemento criado e suas conseqüências, assim como uma possível projeção de como será recepcionado pelos espectadores, não como um empecilho criativo, mas para agregar questões a partir do outro. No artigo “Os territórios da subjetividade artística a partir do olhar da modernidade”, da teórica e filósofa Úrsula Rosa Silva, compreende-se melhor esta relação espectador/obra de arte:

O fenômeno tem infinitas possibilidades de manifestação e de atribuições de significados, não é algo que possa ser percebido, experimentado apenas por um ponto de vista, mas por tantas intenções quantas foram possíveis ao ser humano, que, por sua vez, tem como características a diversidade de intenções, de acordo com suas vivências. A obra enquanto fenômeno tem o poder de dizer o não-dito, remetendo ao âmbito do irrefletido, que está presente na relação do espectador com esta (SILVA, 2004, p.413).

O trabalho coletivo permite gerar estas discussões antes mesmo de ter circulação pública possibilitando ao grupo refletir como artistas e espectadores ao mesmo tempo.

A base para a compreensão desta produção artística que o grupo vem desenvolvendo pode ser percebida está diretamente ligada à carga da ação pictórica expressionista, como um resgate de um terreno cultural inteiramente diverso onde se permite a mistura de gestos distintos formando um emaranhado a partir do imaginário de cada integrante.

Apesar da singularidade do gesto dos artistas que compõem o Grupo Superfície, pode-se perceber como referencial artístico as obras do artista norte-americano Jackson Pollock, definindo as pinturas de ação (*action painting*) como um ponto em comum. Busca-se romper os esquemas espaciais da pintura tradicional, onde se investe no acúmulo de ações em um plano rítmico, próprio da excitação coletiva que entrelaça a trama pictórica até chegar

ao auge do limite, ao grau último de interferências. Assim como relatou Giulio Carlo Argan sobre as pinturas de Pollock:

Cada cor desenvolve seu ritmo, leva a máxima intensidade a singularidade de seu timbre. Todavia, tal como o *jazz* constitui não tanto uma orquestra, e sim um conjunto de solistas que se apostrofam e respondem, estimulam-se e relançam um ao outro, analogamente o quadro de Pollock surge como um conjunto de quadros pintados na mesma tela, cujos temas se entrelaçam, interferem, divergem, tornam a se reunir num turbilhão delirante (ARGAN, 1992, p. 532).



Jackson Pollock. Numero 8. Detalhe.

As pinturas coletivas que atualmente o grupo produz têm este caráter de cuidado com o outro de relançar possibilidades de intervenções, onde o processo de experimentação acaba assumindo formas inesperadas, pois cada artista tem sua produção individual e a coloca a disposição de interferências que exigem soluções diferenciadas, exigindo do grupo algo além, talvez soluções que nunca aconteceriam se estivessem trabalhando de forma individual.

#### Referencias Bibliográficas:

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

BARTHES, Roland. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASBAUM, Ricardo. **O papel do artista como agenciador de eventos e fomentador de produções frente à dinâmica do circuito de arte**. In *O Visível e o invisível na arte atual*. Revista CEIA, Belo Horizonte; 2002.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Editora 34 Ltda. 1998.

KAPROW, Allan. **O legado de Jackson Pollock**. In: *Escritos de Artistas, Anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2009.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o Espírito**, Cosac Naify. 2004.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campos, 1990.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo. Martins fontes, 2001.

SILVA, Ursula Rosa. **Os territórios da subjetividade artística a partir do olhar da modernidade**. Revista Veritas – PUCRS, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p.407 -415, 2004.

TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: UFRGS. 2002.

Sites:

FRANCA, Patrícia. **O tempo de um repouso**: Disponível no site do Google; acesso em 10/ 06/ 2010, <http://www.eba.ufmg.br/patriciafranca/textos/otempodeumrepouso.html>

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. In: pdf disponível; [dspace.c3sl.ufpr.br.../a%20origem%20da%20obra%20de%20arte20pdf.pdf](http://dspace.c3sl.ufpr.br.../a%20origem%20da%20obra%20de%20arte20pdf.pdf).

Consultado em 06/10/2010.